

CORPOS DIVERGENTES: A INTERTEXTUALIDADE NA OBRA DIVERGENTE DE VERONICA ROTH SOB UM OLHAR TRANSUMANO.

ÂNDERSON MARTINS PEREIRA¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – andersonmartinsp@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do capitalismo vem transformado o corpo cada vez mais em produto e o tornando vendável. Já que o corpo físico não mais atende as atualizações e melhorias pedidas por este sistema é necessário “atualizá-lo”. Para tal é preciso transgredir as fronteiras do humanismo, visto que o corpo antes símbolo da pujança humana sobre o universo, cai ineficiente sobre o olhar contemporâneo. Movimentos como o pós-humanismo e o transumanismo começam a fazer parte das discussões científicas e filosóficas que norteiam as inquietações para o humano relacionado ao futuro. Neste cenário, narrativas distópicas deixam de colocar como o centro de discussão o político e o social para articularem-se como questionadoras implicações da adoção de tais formas

As distopias contemporâneas têm tornado mais agudas as problemáticas do corpo em suas narrativas, uma vez que o gênero distopia é extremamente arraigado a sociedade que o concebe, transpondo para a história os temores dessa coletividade de forma aguda e em narrativas que em geral se projetam para o futuro da humanidade. Estabelecida a relação direta entre distopia e sociedade, este trabalho baseia-se na concepção de Eduardo Marks de Marques, na qual existem três vertentes na constituição do gênero. A fase atual ou terceira fase distópica tem sido vigente nos últimos trinta anos e tem por característica elementar a discussão de corpos erigidos a partir de um ideal capitalista de perfeição. Sob esta perspectiva, os romances *Divergente* (2012), *Insurgente* (2013) e *Convergente* (2014), escritos por Veronica Roth, se apropriam de elementos distópicos de obras clássicas. Entre estes elementos pode-se listar o apagamento da história, soros para contenção e identificação social e criação de uma nova sociedade dentro de outra já estabelecida.

2. METODOLOGIA

Para melhor entender a metodologia comparativa utilizada se faz necessário entender dois momentos distintos do gênero distopia. Segundo Eduardo Marks de Marques (2014), os romances distópicos feitos nos últimos 30 anos, em geral, compartilham dessa preocupação central com o corpo. O autor nomina esse novo movimento do gênero como terceira virada distópica e o descompromete da centralidade social e política, a qual se dará sob a temática do corpo. Ao aliar esse corpo ao consumo capitalista, se utiliza a noção de corpo de Bryan S. Turner (2008), à qual abre o corpo em uma dicotomia formada de um organismo vivo e de um produto cultural. Este diferencia os termos “necessidade” e “desejo”, sendo a necessidade um objeto externo a ela mesma e o desejo se constituindo como próprio objeto. Neste sentido, o ser humano vem sendo cada vez mais bombardeado pelo desejo capitalista que se organiza perpassando as instituições sociais. Turner discute a ideia de que o ser humano comparado com outros animais é um ser defeituoso, pois precisa de instituições sociais para se relacionar com o ambiente físico e é sob este prisma que as instituições corroboram para a visão do próprio corpo. Corpo este que não atende mais aos anseios da sociedade moderna.

O objetivo desta análise não é restrito ao fenômeno da distopia contemporânea, mas o considera a partir de uma leitura intertextual com outros momentos evolutivos do gênero. A relação comparatista a que este trabalho se dispõe procura analisar a adaptação destes temores em uma literatura que representa outras preocupações e críticas sociais.

É então que se torna possível definir literatura, considerando-se essa dimensão da memória, na qual a intertextualidade não é mais apenas a retomada da citação ou da re-escritura, mas descrição de um momento de passagens na relação consigo mesma e com o outro (...) Os efeitos de convergência entre uma obra e o conjunto da cultura que se nutre penetra-a em profundidade, aparecem então em todas as suas dimensões: a heterogeneidade do intertexto funda-se na originalidade do texto (SAMOYAULT, 2008,p.11)

É interessante pontuar a análise intertextual que se seguirá, já que a análise não trata de uma comparação dos romances, mas sim de reconhecer os ecos das histórias trazidas no segundo capítulo deste trabalho para o romance *Divergente*. Como visto na citação acima, estes elementos se fundem ao texto, onde muitas vezes não é possível encontrar uma referência explícita, porém,

estes escritos mesclam-se a seus predecessores e colaboram para a formação de uma nova obra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O controle do indivíduo é essencial para o gênero distopia, assim, a primeira questão a ser observada é a nova roupagem de Thomas More no que tange as facções. Na obra *A Utopia*, um dos mecanismos de organização social era a escolha de um trabalho que deveria ser passado hereditariamente. A possibilidade de optar por outro ofício que não o familiar implicaria no rompimento dos laços sanguíneos existentes, obrigando o indivíduo a migrar para outro grupo que contemplasse sua escolha. As facções da obra *Divergente* se organizam da mesma forma que as de More, porém não representam um avanço social *eutópico*, mas um retrocesso no que tange a liberdade do indivíduo. Ambos sistemas reivindicam ser superiores a organizações sociais prévias, a diferença é que na trilogia de Roth não existem grandes explicações sobre os ganhos sociais de tais configurações sociais, o que há é uma legitimidade imposta pela exaltação da atual gestão governamental frente ao possível caos anterior.

Para Tris, protagonista da narrativa, “as coisas têm funcionado dessa maneira desde o começo da grande paz, quando as facções foram formadas. Acho que o sistema é mantido porque tememos o que pode acontecer se acabar: a guerra.” (ROTH, 2012 [2011], p.39). Contudo, descobre-se que o real motivo da organização da sociedade em facções é o de fazer com que os indivíduos copulem com seus opostos genéticos de maneira lenta e gradual até que a cura genética, fosse instaurada. Pode-se depreender portanto que a distopia de Roth se vale de mecanismos propostos cinco séculos atrás pelo texto basilar da utopia e o reinscreve em uma separação de corpos que se dá a partir da genética.

4. CONCLUSÕES

É inegável o fato da ênfase na subjetividade na contemporaneidade e de mecanismos que corroboram para sua promoção. Pode-se dizer que a coletividade em detrimento do indivíduo é um receio mais arraigado ao contemporâneo e as distopias da terceira virada ressoam este medo. Além disto, vários são os temores sociais que tencionam o indivíduo a preocupar-se com o futuro, dentre os quais pode-se recuperar a morte da história de Fukuyama

(1992), que aponta para o fato de estarmos em um ápice de sistemas de comunidades sociais e, sob este prisma, pode-se depreender que a idealização de uma sociedade diferente da nossa seria uma sociedade pior. Seja pelo medo de perder o que temos, seja pela ameaça da tão arraigada noção de subjetividade, utopias não estão mais em voga e, caso Llosa esteja certo e estejamos vivendo em uma sociedade que se assemelha as frivolidades utópicas, ainda assim somos temerários de sua derroca.

Este cenário produz distopias muito singulares, porém ainda que a ênfase no corpo seja um elemento de renovação do gênero, o ideal de pesadelo é frequentemente perpassado por utopias e distopias já a muito enraizadas. Acredita-se que a dualidade distopias de terceira virada e clássicos do gênero, remontam textos que não apenas se relacionam com a sociedade, mas também com o próprio imaginário de pesadelo, estabelecendo dessa forma uma meta-reflexão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: Free Press, 1992.

MARKS DE MARQUES, Eduardo. **Da centralidade política à centralidade do corpo transumano: movimentos da terceira virada distópica na literatura**. Anuário de Literatura, cidade, Florianópolis, vol. 19, No. 1, p. 10-29, 2014.

ROTH, Veronica. **Divergente**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012 [2011].

_____. **Insurgente**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013 [2012].

_____. **Convergente**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014 [2013].

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução de: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

TURNER, Bryan. J. **The Body and Society: Explorations in Social Theory**. 3.ed. Los Angeles: Sage, 2008.